

Iduina Mont'Alverne Braun Chaves
Rogério de Almeida
(Orgs.)



100 ANOS
**GILBERT
DURAND**



· FEUSP

2022

IDUINA MONT'ALVERNE BRAUN CHAVES

ROGÉRIO DE ALMEIDA

(ORGS.)

100 anos
Gilbert Durand

DOI: 10.11606/9786587047331

· FEUSP

SÃO PAULO, SP
2022

© 2022 by Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

Coordenação editorial: Rogério de Almeida

Projeto Gráfico e Editoração: Marcos Beccari e Rogério de Almeida

Revisão dos autores



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e a autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.

Catálogo na Publicação
Biblioteca Celso de Rui Beisiegel
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

C394 100 anos Gilbert Durand. / Iduina Mont'Alverne Braun Chaves, Rogério de Almeida (Organizadores).
. – São Paulo: FEUSP, 2022.
315 p.

ISBN: 978-65-87047-33-1 (E-book)

DOI: 10.11606/9786587047331

1. Gilbert Durand. 2. Imaginário. 3. Imaginação. 4. Educação.
I. Chaves, Iduina Mont'Alverne Braun. II. Almeida, Rogério de. III. Título.

CDD 22^a ed. 37.01

Ficha elaborada por: José Aguinaldo da Silva – CRB8^a: 7532

Obs.: Citações e referências não estão padronizadas por opção dos organizadores.

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Junior

Vice-Reitora: Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda

Faculdade de Educação

Diretora: Profa. Dra. Carlota Josefina Malta Cardozo dos Reis Boto

Vice-Diretor: Prof. Dr. Valdir Heitor Barzotto

Avenida da Universidade, 308 - Cidade Universitária - 05508-040 – São Paulo – Brasil

E-mail: spdfe@usp.br / <http://www4.fe.usp.br/>

FEUSP

A disciplinaridade e suas indisciplinas

Ana Taís Martins¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Pandemia. Distanciamento social. Gestos barreira. Vírus. Doença. Morte. O que com a teoria geral do imaginário de Gilbert Durand pode nos dizer sobre essas angústias e desgraças tão concretas?

A partir da separação entre as palavras e as coisas, se tornou possível que as palavras falassem apenas delas mesmas, sem designar uma experiência com a coisa. Bachelard falou do devaneio da matéria, mas não há mais o devaneio da matéria no nosso mundo digital. A humanidade quis isso. Nós queríamos nos livrar da matéria e para isso inventamos máquinas cada vez mais sofisticadas. Podemos lavrar, semear e colher sem tocar a terra. Os médicos podem fazer cirurgias sem tocar o paciente. Os casais podem fazer amor sem se tocarem. Talvez estejamos chegando ao paroxismo daquilo que Vilém Flusser (2008) chamou de “a escalada da abstração”. Com a pandemia de coronavírus, o isolamento dos corpos foi imposto a todos. Essa separação do mundo foi e continua a ser ardentemente desejada. A matéria é perecível, é portadora da morte e por isso assusta, mesmo fazendo parte da natureza. A natureza da qual dizemos ter saudades,

1 Trabalho desenvolvido com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico) e Tecnológico – CNPq (Processo: 306260/2020-4 Demanda/Chamada: Chamada CNPq Nº 09/2020 - Bolsas de Produtividade em Pesquisa - PQ Modalidade: PQ Categoria/Nível: 2) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 01

ou pelo menos aquela celebrada nas redes sociais, é uma natureza sem podridão, sem decrepitude, sem morte. Uma natureza sem ciclos, uma natureza *antinatural*.

A experiência digital tomou grande espaço nas nossas vidas por uma escolha coletiva. As limitações ao ir e vir estavam conosco muito tempo antes da pandemia, por opção nossa, e inclusive trabalhamos para que elas fossem a única escolha possível quando devastamos a natureza para dominá-la. As escolhas coletivas não podem ser mudadas de uma hora para outra. Uma vez colocadas em curso, trazem consequências para todos – esse é um dos ensinamentos da teoria do imaginário.

Vivemos em escala planetária o medo da carne do mundo, uma carne infectada por um inimigo invisível, cujo surgimento nós mesmos provocamos. Não se pode dizer que não sabíamos: sabíamos, a ciência e os profetas têm nos alertado continuamente, mas sempre achamos que exageram ou então que não é para agora, ou então que não é problema nosso. Criminosamente, concordamos que nossos filhos herdem um mundo devastado.

Negar as realidades duras demais é um mecanismo protetivo bastante conhecido. Grande parte da população brasileira faz de conta que nada disso está acontecendo. Tudo é invenção da mídia e dos cientistas alarmistas. O mundo faz de conta que não é com ele. Sabemos que 80% das pessoas vacinadas moram nos países ricos. No entanto, é nos países pobres que mora a maior parte da população mundial. Um ano e meio atrás, quando tudo isso começou, se dizia que a humanidade estava aprendendo uma lição, que a sua relação com a natureza ia mudar, que o capitalismo seria obrigado a se transformar, que todos seriam mais solidários, menos egoístas e mais conectados à grande Mãe Terra. Essa euforia durou bem pouco tempo. Não parece que a humanidade tenha aprendido a lição. Quem se sente seguro contra o vírus, porque foi vacinado, porque em seu país a pandemia está controlada, quer sair e viver a vida como se nada tivesse acontecido, sem se aborrecer com a tragédia do vizinho. Mas em breve, a tragédia do vizinho voltará a ser também a sua tragédia. A maior lição que a pandemia poderia nos dar, aquela que não está ainda aprendida, é a da interconexão entre todas as coisas. Ninguém terá paz enquanto todas as pessoas não tiverem paz. Ninguém será saudável enquanto a saúde do planeta não se restabelecer. E é dessa interconexão que a teoria geral do imaginário de Gilbert Durand (2016) fala.

Problemáticas comuns conectam diversas ciências e então várias disciplinas podem trabalhar juntas com um objetivo comum. Isso é a *interdisciplinaridade*. A emergência sanitária global fez transparecer a importância da mobilização de diferentes campos do conhecimento. No mês de março do ano passado, logo após confirmado o primeiro caso brasileiro de Covid-19, duas cientistas da universidade de São Paulo sequenciaram em menos de 48 horas o genoma do vírus². O conhecimento do genoma de um vírus possibilita o desenvolvimento de vacinas e medicamentos que possam ser utilizados na prevenção e no tratamento de doenças causadas por ele. A Ciência Farmacêutica é que produz os medicamentos e vacinas, utilizando conhecimentos de Fisiologia e Química Orgânica. A Biomedicina, através dos estudos de Imunologia, desenvolve os estudos clínicos dessas vacinas e medicações. A Epidemiologia fornece os indicadores para o planejamento, a administração e avaliação das ações de Saúde Coletiva. No trabalho da Epidemiologia, já fica bastante visível a interdisciplinaridade, pois ela precisa dos conhecimentos da Estatística, das Ciências da Saúde e das Ciências Sociais. E as Ciências Humanas, ao entender a pandemia como fenômeno biopolítico, fornecem as ferramentas pelas quais seria, talvez, possível atingir melhores resultados no controle da crise.

No entanto, não é a abordagem interdisciplinar que vemos sendo adotada. Em primeiro lugar, as Ciências Humanas sequer são consideradas científicas pela mídia, malgrado os profissionais da mídia serem quase sempre formados em *Ciências da Comunicação*. Então, quando os jornalistas abrem seus microfones para a “comunidade científica”, isso significa dar a palavra a pesquisadores das Ciências Exatas e da Terra, das Ciências Biológicas, das Engenharias, das Ciências da Saúde, mas não das Ciências Sociais Aplicadas, como a Educação e a Comunicação, ou das Ciências Humanas, da Linguística, Letras e Artes. No caso da pandemia de covid, a “comunidade científica” manda lavar as mãos ou usar álcool gel frequentemente, usar máscara cirúrgica ou PFF2, manter a distância social – talvez fosse melhor dizer “distância física”, pois a distância social existe naturalmente no nosso mundo desigual. O que significa manter distanciamento físico no Brasil, onde mais da metade da população não tem acesso à coleta de esgoto, mais de 16% não tem acesso a água tratada e apenas 46% dos esgotos gerados no país é tratado

2 Ester Sabino, diretora do Instituto de Medicina Tropical da USP, e Jaqueline Goes de Jesus, pós-doutoranda na USP.

(SNIS, 2020)? O que significou “ficar em casa” num país em que 30 milhões de pessoas moram na rua? O que significa o distanciamento para os brasileiros que habitam os mais de 5 milhões de moradias precárias colados uns aos outros nas favelas (IBGE, 2018)? E para os 11 milhões e meio que compartilham com mais de três pessoas um mesmo cômodo (PNAD, 2018)? O que significa ficar em casa quando isso quer dizer também não ter dinheiro para alimentar os filhos e pagar as contas? São as Ciências Sociais que podem responder essas perguntas, são elas que deveriam ser mobilizadas na mediação entre as ciências que estudam o vírus e sua prevenção e a sociedade que é atingida pelas consequências da pandemia. (Infelizmente, a separação entre ciência e senso comum é aprofundada pela Comunicação, em especial pela chamada grande mídia, que se mostra incapaz de confrontar os discursos circulantes com as práticas sociais.)

No entanto, a insuficiência de interdisciplinaridade vai além da fraca conexão entre os conhecimentos; ela é diretamente relacionada à insuficiência das próprias disciplinas. O negacionismo que se manifesta num Brasil que afirma que a covid é uma gripezinha, que se pode prevenir a doença tomando-se vermífugo ou cloroquina, ou suco de limão em jejum, é apenas uma versão mais tosca daquele que se vê em países mais ricos, nos movimentos anti-vacinas, na revolta contra o cerceamento da liberdade de ir e vir, contra a obrigação do uso de máscaras, na denúncia de uma ditadura sanitária. Não há ditadura sanitária no Brasil, ninguém é multado se não usa máscara, velhos e jovens continuam a se juntar nos fins de semana para celebrar o que talvez sejam seus últimos dias de vida, pois do mesmo modo que o Estado não os impede de fazer isso também não os socorre na doença nem na morte.

As explicações disciplinares para o negacionismo incluem a politização da pandemia, que é facilmente verificável nos casos do Brasil e da Índia, onde os interesses eleitorais ditam as políticas públicas mais do que o interesse pela vida; a imposição capitalista, que não permite que os trabalhadores paralitem os meios de produção para não haver prejuízos financeiros; ou a ignorância, simplesmente, a falta de acesso à informação. O negacionismo é um fenômeno descrito pela psicanálise no século passado. Freud (2014) explicou que quando as realidades são mais dolorosas ou mais complexas do que suportamos, nós simplesmente negamos sua existência.

Uma interdisciplinaridade eficaz juntaria os esforços de todas essas ciências para obter sucesso no controle da pandemia. É necessário dizer que, quando se

traduz como negacionismo o interesse eleitoreiro, o interesse capitalista, ou a falta de acesso à informação, não se está sendo interdisciplinar e sim usando-se um conceito de uma disciplina como metáfora para outra. Existem muitos textos denunciando essa prática das Ciências Sociais e Humanas no que tange a conceitos das Ciências Formais e Naturais, sendo o affaire Sokal³ apenas o caso mais conhecido, mas essa prática é recíproca, revelando uma incompreensão mútua dos cientistas desses dois pólos. É preciso dizer também que a interdisciplinaridade entre as Ciências Sociais e Humanas ou a interdisciplinaridade entre as Ciências Exatas e da Natureza não é uma verdadeira interdisciplinaridade, mas apenas uma investigação colaborativa de ciências afins. Uma pesquisa conduzida pelo CNRS mostra que muitas iniciativas institucionais em prol da interdisciplinaridade dão origem a projetos em que as disciplinas se coordenam de modo artificial para atender as exigências do edital. A interdisciplinaridade precisa acontecer naturalmente, mas a história científica recente nos ensina que quando isso acontece surge uma terceira disciplina. Foi o caso da bioinformática ou da robótica. Isso pode ser visto tanto como prova do sucesso da interdisciplinaridade quanto de seu fracasso. O fato é que as disciplinas resistem à interdisciplinaridade e nisso consiste a maior de suas indisciplinas.

Talvez essa resistência se deva a uma falha na própria definição da ciência como um tipo de conhecimento que se pauta por paradigmas. A esse respeito, não interessa se um paradigma se extingue para dar lugar a outro ou se existe uma absorção parcial dos paradigmas uns pelos outros. A própria noção de paradigma impõe limites *disciplinares* à ciência que, mesmo cheia de boas intenções, não consegue fazer conversar seus filhos sem que eles violem as suas próprias gramáticas. Por isso, o resultado da interdisciplinaridade quase nunca é a própria interdisciplinaridade e sim uma nova disciplina, com seus conceitos e seu próprio paradigma, ou a utilização metafórica dos conceitos de uma disciplina por outra, o que suscita a estranheza mútua.

³ Em 1996, Alan Sokal submeteu um artigo intitulado “Transgressing the Boundaries: Towards a transformative Hermeneutics of Quantum Gravity” à *Social Text*, revista norte-americana dedicada aos Estudos Culturais Pós-Modernos. Sokal disse que sua intenção era verificar se, afirmando as pre-concepções dos editores, seria possível ser publicado mesmo que sem nenhum embasamento lógico e científico. O artigo propunha que a gravidade quântica era uma construção social e linguística. A revelação do embuste foi feita pelo próprio Sokal no mesmo dia da sua publicação, em maio de 1996, iniciando-se um debate sobre as apropriações que as Ciências Sociais e Humanas fazem dos conceitos das Ciências Físicas.

Talvez, dentre todos os acontecimentos da história recente, a pandemia do Covid-19 seja o mais desafiador para o conhecimento científico e para o senso comum ao mesmo tempo, o único a realmente irmanar leste e oeste, ricos e pobres, ateus e religiosos, gêneros e raças. Esse poder da pandemia não vem apenas da crise econômica mundial que decorre dela, da desigualdade social que se aprofunda com ela, das psicoses que nascem do confinamento exigido por ela. Esse poder vem da imposição de uma imagem única, a mais forte de todas, aquela que todos nós sem exceção rejeitamos imediatamente quando surge no espírito⁴, aquela que é a mãe de todas as imagens: a morte.

A Ciência não pode falar nem da vida nem da morte sem cair em especulação e, portanto, sem ser anticientífica. Então, a ciência, por seus próprios limites, está proibida de falar do que é mais intrinsecamente humano. Talvez seja daí que vem a muitas vezes denunciada desumanidade da Ciência.

Ao postular a fantástica transcendental, Durand mostra o caminho pelo qual podemos falar do que não se pode falar. Fazendo isso, ele provavelmente conquistou o desprezo de seus pares cientistas, pois sua teoria geral do imaginário tem um pressuposto *transdisciplinar*. As disciplinas não são negadas, mas são convidadas a se abrirem para a sabedoria e a diminuir a desigualdade entre os que detêm saberes e os que deles são desprovidos, conforme alerta a Carta da Transdisciplinaridade: “A transdisciplinaridade não procura o domínio de várias disciplinas, mas a abertura de todas as disciplinas ao que as une e as ultrapassa” (MORIN et alii, 1994, s/p).

Em 2015, eu tive a honra e o privilégio de receber na minha cidade, Porto Alegre, no sul do Brasil, o segundo congresso internacional do CRI2i. Nós éramos mais de 400 pesquisadores reunidos para discutir os 50 anos da Teoria Geral do Imaginário de Gilbert Durand. No discurso de encerramento, Jean-Jacques Wunenburger fez o alerta: nós mesmos, pesquisadores, somos os piores detratores do imaginário porque muitas vezes, com a boa intenção de promover a abertura científica, incorremos em reduções e em falta de rigor.

4 A pesquisa, desenvolvida junto à Universidade de Bar Ilan (Israel), mostra que o cérebro faz o possível para nos impedir de pensar na morte, categorizando-a como uma situação infeliz que só acontece aos outros, de modo que seja possível se concentrar no presente. (Y. DOR-ZIDERMAN, Y.; LUTZ, A.; GOLDSTEIN, A. 2019).

Eu acrescentaria que também somos detratores do imaginário quando negamos a ele sua condição heurística e o reduzimos a um objeto de pesquisa que precisa ser decodificado. A imagem não é um código, não é um ícone, não é um cheiro, um gosto, uma textura, um som, ou seja, não é necessariamente percebida pelos sentidos ou arbitrada pela razão, e sim um fato antropológico, psíquico e social que alcança a dimensão simbólica quando certas condições de acontecimento se apresentam. Essas condições não estão apenas no corpo ou no cérebro do ser imaginante nem apenas do mundo em que o ser imaginante está situado.

As imagens que se formam no córtex cerebral são aquelas descritas pela memória, pela percepção e pela linguagem. O córtex humano apresenta características exclusivas, que não estão presentes em outros primatas. O tronco cerebral é compartilhado com outras espécies. Damásio (2011) explica que a mente consciente que temos outros animais também têm, mas não tão rica como a nossa porque esses outros animais não têm um córtex cerebral como o nosso nós. O tronco é a região do cérebro em que se localizam todos os processos regulativos do corpo. Por isso, se ele é danificada por causa de uma pancada ou AVC, têm-se o coma, o estado vegetativo: a consciência desaparece, a mente desaparece. São perdidas as bases do ego, não temos mais acesso a qualquer experiência da nossa própria existência. Mesmo que imagens estejam sendo formadas no córtex cerebral, não sabemos que elas estão lá. Com isso, o neurocientista português mostra não existe mente consciente sem interação entre o córtex e o tronco cerebral e sem interação entre o tronco cerebral e o corpo. Compreender esses processos nos ajuda a compreender não apenas as doenças do cérebro, mas também as construções culturais.

No entanto, o estado atual em que a humanidade se encontra não é explicável apenas dentro dos paradigmas disciplinares porque não aprendemos o suficiente com a história, estamos condenados a repeti-la. Tomar o imaginário como heurística nos permite ir além das disciplinas dentro de nossas próprias disciplinas porque um dos seus postulados é a anterioridade da imaginação sobre toda a produção humana. A imagem primeira é a do tempo e da morte. É por ela, contra ela e com ela que criamos as religiões, as ciências, as filosofias, as artes e a política. No limite, o objetivo de todas as produções humanas é reduzir a angústia existencial. Todas elas são função da imaginação e a imaginação é fundadora do que chamamos de realidade.

Quando Gilbert Durand retoma o programa de Novalis para falar da fantástica transcendental, é para sublinhar que a imaginação não é simplesmente intelecto, e sim o poder de representação fundamental da alma. Os Estudos do Imaginário se colocam, assim, no seu nível fundador, ao mesmo tempo na contramão das correntes empiristas e racionalistas dizendo que a grande fonte do conhecimento não está no exterior, nos olhos, nas orelhas, e também que nem tudo já está lá na cabeça. Nem a percepção nem a inteligência são a fonte, mas sim a imaginação, a fantástica. Há um aspecto nesta fantástica muitas e muitas vezes esquecido: ela é transcendental porque não é uma imaginação segunda, nutrida da percepção, pós-perceptiva, reprodutiva. Trata-se de uma imaginação primeira, criadora, independente da memória e dos sentidos.

O saber tradicional não tem dificuldades com essa integração aos saberes ancestrais e com a inseparabilidade da natureza. O filósofo Ailton Krenak, da tribo dos Krenak, originária da região sudeste do Brasil, nos relembra que a conexão com a natureza não é poesia para a cultura indígena e sim sua própria vida. E David Kopenawa, um outro filósofo brasileiro, shaman da etnia Yanomami que vive na região amazônica, alerta que estamos cheios de esquecimento.

Do que nos esquecemos? Das origens. Esse esquecimento não é o da história naturalizada e sim do tempo em que o tempo ainda não existia ou em que ele ainda era muito jovem e não estava cansado e doente como agora, como nos ensinam os mitos.

O desafio transdisciplinar da Teoria Geral do Imaginário é o de fazer encontrar o senso comum, o saber tradicional, com o senso científico. Para isso, é necessário redefinir senso comum e ciência. Essa redefinição não serviria para violentar o senso comum nem a ciência, mas para possibilitar a transdisciplinaridade. Tanto o senso comum quanto a ciência se encastelam nos seus lugares ao seguirem procedimentos reducionistas. Essa redução não ao essencial e sim a asserções excludentes do terceiro é que impossibilita o diálogo.

Assumir a heurística do imaginário é um gesto transdisciplinar que não nega as disciplinas, mas que as integra com o saber tradicional, com o saber ancestral, com o senso comum.

Referências

- DAMASIO, A. **The Quest to understand consciousness**. TED2011 Conference, The Rediscovery of Wonder, Long Beach, California, February 2011. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=LMrzdk_YnYY. Consultado em 26 abr 2021.
- Disciplines, instituts et interdisciplinarité au CNRS. **Hermès, La Revue**, 2013/3 (n. 67) p. 188-191. Disponível em <https://www.cairn.info/revue-hermes-la-revue-2013-3-page-188.htm>. Consultado em 25 abr 2021.
- DURAND, Gilbert. **Les structures anthropologiques de l'imaginaire**. Introduction à l'archétypologie générale. Paris: Dunod, 2016.
- FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade**. São Paulo: Annablume, 2008.
- FREUD, S. **A negação**. São Paulo : Cosac & Naïf, 2014.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2020. Disponível em <https://observatorio3setor.org.br/noticias/brasil-tem-5-1-milhoes-de-domicilios-em-favelas/>. Consultado em 25 abr 2021.
- MORIN, E., FREITAS, Lima de Freitas; NICOLESCU, Basarab. Carta da Transdisciplinaridade. CETRANS, Convento da Arrábida, 1994. Disponível em <http://cetrans.com.br/assets/docs/CARTA-DA-TRANSDISCIPLINARIDADE1.pdf>. Consultado em 26 abr 2021.
- Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad Contínua), 2018. Disponível em <https://www.otempo.com.br/brasil/mais-de-11-milhoes-no-brasil-moram-em-casas-superlotadas-1.2317766>. Consultado em 25 abr 2021.
- Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS), 2020 Disponível em <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/06/24/raio-x-do-saneamento-no-brasil-16percent-nao-tem-agua-tratada-e-47percent-nao-tem-acesso-a-rede-de-esgoto.ghtml>. Consultado em 25 abr 2021.
- Y. DOR-ZIDERMAN, Y.; LUTZ, A.; GOLDSTEIN, A., Prediction-based neural mechanisms for shielding the self from existential threat, **NeuroImage**, 202 (2019). Disponível em <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1053811919306688>. Consultado em 25 abr 2021.